

J. R. Ward

NA SOMBRA DO PECADO

*Um romance da Irmandade da Adaga Negra*

*Volume III*

Tradução

Maria Margarida Malcato



# Capítulo 1



— **B**olas, Zsadist! Não saltes...  
A voz de Phury mal abafou o estrondo do acidente de viação à frente deles. E não impediu o gémeo de saltar do *Escalade*, que seguia a oitenta quilómetros à hora.

— V, ele saltou! Dá a volta!

O ombro de Phury embateu contra a janela, ao mesmo tempo que Vishous tentava controlar o SUV que deslizava ao descrever um ângulo de cento e oitenta graus. Os faróis dançaram e iluminaram Z a rolar no asfalto coberto de neve. Segundos depois, ele levantou-se e avançou rapidamente, disparando sob um fumegante e desfeito sedã que tinha agora um pinheiro como ornamento do capô.

Phury olhou para o irmão gémeo e concentrou-se no cinto de segurança. Os minguanes que tinham seguido até à zona rural de Caldwell podiam ter destruído o veículo perseguido graças às leis da física, contudo, isso não significava que a missão acabara. Os sacanas mortos-vivos eram muito resistentes.

Quando o *Escalade* abrandou, Phury abriu violentamente a porta, agarrando na sua *Beretta*. Não havia como saber quantos minguanes se encontravam no carro ou que tipo de munições tinham. Os inimigos da raça vampírica viajavam em grupo e andavam sempre armados — *santo Deus!* Três dos matadores de cabelo pálido saíram e apenas o motorista parecia hesitar.

As escassas probabilidades não detiveram Z. Suicida como era, dirigiu-se imediatamente para o triângulo de mortos-vivos, armado apenas com uma adaga negra que segurava na mão.

Phury atravessou a estrada, ouvindo Vishous a correr pesadamente atrás de si. No entanto, não eram precisos.

À medida que os pequenos e leves flocos de neve ondulavam no ar e o aroma adocicado dos pinheiros se misturava com a gasolina derramada pelo carro destruído, Z derrubou os três minguentes apenas com a ajuda da adaga. Desferiu-lhes um golpe nos tendões da parte traseira do joelho impedindo-os de correr, a seguir partiu-lhes os braços para não conseguirem lutar e depois arrastou-os pelo chão até ficarem alinhados como bonecos horripilantes.

Zsadist demorou no máximo quatro minutos e meio a tirar-lhes as identidades. Depois, fez uma pausa para recuperar o fôlego. Enquanto observava a poça de sangue negro no chão a ser absorvida pela neve branca, saiu-lhe um vapor dos ombros, uma névoa curiosamente suave e provocada pelo vento gelado.

Phury meteu a *Beretta* no cós das calças, sentiu-se enjoado e esfregou o esterno, enquanto olhava para a esquerda e depois para a direita. A Estrada 22 parecia um cemitério àquela hora da noite. Testemunhas humanas eram improváveis. Os veados não contavam.

Sabia o que se seguiria. Sabia-o demasiado bem para tentar impedi-lo.

Com o rosto cheio de cicatrizes distorcido pela raiva, o arruinado lábio superior levantado e presas tão compridas como as de um tigre, Zsadist ajoelhou-se ao lado de um dos minguentes. O cabelo rapado e as cavidades profundas sob as maçãs do rosto davam-lhe um ar assustador e, tal como a morte, sentia-se confortável a trabalhar no frio. Vestia apenas uma camisola preta de gola alta e calças largas da mesma cor, tendo mais armas que roupa: o coldre preto, símbolo da Irmandade da Adaga Negra, desenhava-lhe uma cruz no peito. Tinha mais duas facas junto às coxas e também usava um cinto com duas pistolas *SIG Sauer*s.

Não que alguma vez tivesse utilizado as armas de nove milímetros. Apreciava alguma intimidade quando matava. Aliás, essa era a única altura em que se sentia próximo de alguém.

Z agarrou no minguante pelas lapelas do blusão de cabedal e descolou o seu tronco do matador, encostando-o a si.

– Onde está a fêmea?

Como só conseguiu obter um riso maléfico como resposta, agrediu-o. O barulho ecoou nas árvores, um som semelhante a um ramo a partir-se ao meio.

– *Onde está a fêmea?*

O sorriso de gozo do matador aumentou-lhe tanto a fúria que se transformou no seu próprio círculo ártico. O ar à volta do seu corpo ficou magneticamente mais pesado e mais frio que a noite. Os flocos de neve já não caíam sobre si, desintegram-se com a força da sua raiva.

Phury ouviu um roçar suave e olhou por cima do ombro. Vishous acendia um cigarro de enrolar. As tatuagens na têmpora esquerda e a barbiça à volta da boca iluminaram-se com a luz cor de laranja.

Perante o som de outro pulso a estalar, V inalou profundamente e rolou os olhos de diamante.

– *Estás bem, Phury?*

Não, não estava. A natureza selvática de Z sempre fora um problema, mas ultimamente ele tornara-se tão violento que era difícil vê-lo em ação. A falta de sensibilidade e de piedade desaparecera a olhos vistos desde que Bella fora raptada pelos minguantes.

E continuava desaparecida. Os irmãos não tinham pistas, informações, nada. Nem mesmo com os interrogatórios radicais de Z.

Phury estava de rastos por causa do rapto. Apesar de não ter conhecido muito bem Bella, ela fora bastante querida, uma fêmea de valor do mais alto nível que a aristocracia da raça tinha. Não obstante, para ele, a fêmea representava muito mais que linhagem. Muito mais. Bella atingira-o para além do voto de celibato e do homem disciplinado, remexendo em algo mais profundo. Estava tão desesperado por encontrá-la como Zsadist, no entanto, decorridas seis semanas, perdera a esperança de que tivesse sobrevivido. Os minguantes torturavam vampiros de modo a obterem informações sobre a Irmandade e, tal como todos os civis, ela sabia muito pouco acerca dos Irmãos. Quase de certeza que já a tinham matado.

A sua única esperança era que ela não tivesse passado longos dias de inferno antes de ir para o Vápido.

– *O que fizeram com a fêmea?* – grunhiu Zsadist para o matador seguinte.

Porém, quando tudo o que obteve foi um «vai-te foder», Z armou-se em Tyson e mordeu o sacana.

Ninguém na Irmandade conseguia perceber por que razão Zsadist se preocupava tanto com uma fêmea civil desaparecida. Era conhecido pela sua misoginia..., raios, era temido pela mesma. Todos se perguntavam por que

razão Bella significava tanto para ele. Por outro lado, ninguém, nem mesmo Phury enquanto gémeo, poderia prever as reacções do macho.

Ao mesmo tempo que o eco dos golpes brutais de Z atravessava os espaços isolados da floresta, Phury sentiu-se ir abaixo devido ao interrogatório, apesar de os minguantes se manterem fortes e não divulgarem qualquer informação.

– Não sei quanto mais consigo aguentar – disse, ofegante.

Zsadist era a única coisa que tinha na vida para além da missão da Irmandade de proteger a raça contra os minguantes. Phury dormia sozinho todos os dias, quando dormia. A comida proporcionava-lhe pouco prazer. Mantinha as fêmeas de parte devido ao celibato. E estava sempre preocupado com o que Zsadist pudesse fazer no minuto seguinte e com quem se magoaria no processo. Sentia-se morrer de mil golpes que lentamente o faziam esvair em sangue. Um alvo por procuração de todas as tentativas de assassinio do gémeo.

V estendeu a mão enluvada e apertou a garganta de Phury.

– Olha para mim, pá.

Phury olhou em redor e encolheu-se. O olho esquerdo do irmão, o que tinha as tatuagens à volta, dilatou até se transformar num enorme vazio negro.

– Vishous, não... Eu não...

*Merda.* Não precisava de ouvir o futuro naquele momento. Não sabia como reagir caso as coisas piorassem.

– Esta noite, a neve cai devagar – disse V, esfregando o polegar para trás e para a frente sob a jugular dele.

Phury pestanejou enquanto uma estranha calma o assolava. O seu coração acalmou acompanhando o ritmo do polegar do irmão.

– O quê?

– A neve... cai muito devagar.

– Sim... sim, pois cai.

– E tivemos muita neve este ano, não tivemos?

– Uh... sim.

– Sim... muita neve. E vamos ter mais. Hoje à noite. Amanhã. No próximo mês. No próximo ano. Vem quando tiver de vir e cai onde quiser cair.

– Pois é – disse Phury, baixinho. – Não há como detê-la.

– Não, a menos que sejamos o chão. – O polegar parou. – Meu irmão, na minha opinião, não tens ar de terra. Não podes detê-lo. Nunca poderás.

Uma série de estalidos e flaches surgiram quando Z esfaqueou os minguantes no peito e os seus corpos se desintegraram. Depois, ouviu-se o assobio do radiador destruído do carro e o ritmo pesado da respiração de Z.

Como uma aparição, levantou-se do chão preto, com o sangue dos minguantes a manchar-lhe a cara e os antebraços. A sua aura era uma neblina cintilante de violência que deformava o cenário atrás de si. A floresta em frente ondulava indistinta, aconchegando-lhe o corpo.

– Vou até à baixa – disse ele, limpando a lâmina à anca – procurar mais.

Antes de o Sr. O voltar a sair para caçar vampiros, soltou o gatilho da nove milímetros *Smith and Wesson* e olhou para dentro do cano. A pistola há muito que não era limpa, tal como a *Glock*. Queria fazer outras coisas, mas só um idiota deixa estragar a sua arma. Bolas, os minguantes tinham de ter todas as armas na máxima potência. A Irmandade da Adaga Negra não era o tipo de alvo com o qual se podia vacilar.

Deambulou pelo centro de persuasão, fazendo um pequeno desvio à volta da mesa de autópsias que utilizavam para trabalhar. A estrutura da sala única não tinha isolamento e o chão estava sujo; contudo, devido à ausência de janelas, quase não entrava vento. Havia um saco-cama, onde ele dormia. Um chuveiro. Não tinham casa de banho nem cozinha porque os minguantes não se alimentam. O lugar ainda cheirava a madeira fresca, pois só fora construído há cerca de mês e meio, e ao aquecimento de que-rosene.

A única parte acabada era a parede repleta de prateleiras, do chão ao tecto, onde se encontravam todas as ferramentas limpas e arrumadas nos vários níveis: facas, tornos, alicates, martelos, serras. Se existia algo capaz de arrancar um grito a uma garganta, eles tinham-no.

No entanto, aquele espaço não servia apenas para torturar, era também usado como armazém. Manter ali os vampiros era um desafio, pois eles podiam desmaterializar-se, caso se conseguissem acalmar ou concentrar. O aço prevenia que desaparecessem, mas a cela gradeada não os protegia da luz solar e construir uma sala de aço robusta não era nada prático. Todavia,

o que funcionava lindamente era o cano de esgoto em metal ondulado, colocado verticalmente no solo. Ou três canos, como era o caso.

O Sr. O sentia-se muito tentado a ir até às unidades de armazenamento, contudo, sabia que se o fizesse não conseguiria voltar para o campo e tinha uma tarefa a cumprir. Como braço-direito do minguante-mor detinha alguns privilégios, como ser o encarregado daquele lugar. Mesmo assim, se quisesse proteger a sua privacidade, tinha de mostrar uma *performance* adequada.

O que significava cuidar das armas, ainda que devesse estar a fazer outra coisa. Afastou um *kit* de primeiros socorros do caminho, agarrou na caixa de limpeza das armas e puxou um pequeno banco para junto da mesa de autópsias.

A única porta que a sala tinha abriu-se sem que ninguém batesse. O Sr. O olhou por cima do ombro e, ao ver quem era, forçou uma expressão de irritação. O Sr. X não era bem-vindo, ainda assim, nada se podia negar ao mauzão da Sociedade dos Minguantes. Nem que fosse somente por razões de autopreservação.

Debaixo de uma lâmpada nua, o minguante-mor não era um bom opoente caso uma pessoa quisesse continuar inteira. Com um metro e noventa e cinco de altura, parecia um carro: quadrado e pesado. E muito pálido, tal como todos os outros membros da Sociedade que haviam ultrapassado há muito o período de iniciação. A pele branca nunca corava nem ficava irritada com o vento. O cabelo tinha a cor de uma teia de aranha. Os olhos eram cinzento-claros como um céu nublado, compacto e sem brilho.

Com um ar descontraído, o Sr. X começou a olhar em volta, sem observar a ordem dos objectos, mas à procura de algo.

– Disseram-me que tinha outro.

O Sr. O pousou a escova de limpeza e contou as armas que tinha no corpo. A faca na coxa direita. A *Glock* pequena nas costas. Desejou ter mais.

– Encontrei-o na baixa, no lado de fora do ZeroSum, há cerca de quarenta e cinco minutos. Está num dos buracos, a recuperar a consciência.

– Bom trabalho.

– Estou a planear sair outra vez. Agora mesmo.

– A sério? – O Sr. X deteve-se diante das prateleiras e pegou numa faca serrilhada. – Sabe, ouvi algo muito alarmante.

O Sr. O manteve-se calado e pôs a mão na anca, perto do sítio onde tinha a lâmina.

– Não me vai perguntar o quê? – questionou o minguante-mor, à medida que se aproximava das três unidades de armazenamento que havia no chão.  
– Talvez não o faça por já saber o que foi.

O Sr. O agarrou na faca enquanto o Sr. X se baixava em cima das placas de metal que cobriam o cimo dos canos de esgoto. Não se preocupou com os primeiros dois detidos. O terceiro não dizia respeito a ninguém senão ao Sr. O.

– Sem vagas, senhor O? – A ponta da bota de combate empurrou gentilmente um dos conjuntos de cordas que desapareciam dentro de cada buraco.  
– Pensei que tivesse matado dois depois de perceber que não tinham mais nada a dizer.

– E matei.

– Então, sem contar com o civil que apanhou esta noite, devia haver um cano vazio. Em vez disso, estão todos ocupados.

– Apanhei outro.

– Quando?

– A noite passada.

– Mentel.

O Sr. X deu um pontapé na tampa do terceiro cano.

O primeiro impulso do Sr. O foi atirar-se aos pés dele, derrubá-lo e encostar-lhe a faca à garganta. Contudo, não levaria as coisas a esse extremo. O minguante-mor detinha o truque manhoso de paralisar os subordinados. Bastava olhá-los nos olhos.

Assim, o Sr. O permaneceu no lugar, tremendo com o esforço que fazia em manter o rabo colado ao banco.

O Sr. X tirou uma lanterna fina do bolso, ligou-a e apontou-a para o fundo do buraco. Soltando um guincho abafado, abriu muito os olhos.

– *Meu Deus*, é mesmo uma fêmea! Porque raio não fui avisado?

O Sr. O levantou-se deixando a faca encostada à anca, junto à dobra das calças largas e cheias de bolsos. No entanto, o aperto no punhal continuava firme, seguro.

– É nova – disse ele.

– Não foi o que ouvi.

Com passos rápidos, o Sr. X foi à casa de banho e abriu a cortina de plástico da banheira. Praguejando, pontapeou as embalagens de champô feminino e óleo para bebé que se encontravam alinhadas a um canto. Depois, marchou até ao armário onde guardava as munições e tirou uma pequena geleira da parte de trás. Pegando nela ao contrário, fez cair a comida que estava lá dentro. Um mingunte não mastigava nem engolia, tão simples quanto isso.

A cara pálida do Sr. X estava furiosa.

– Tem mantido um animal de estimação, não tem?

O Sr. O considerou negar tudo plausivelmente enquanto o outro encurtava a distância entre os dois.

– É valiosa. Uso-a nos interrogatórios.

– Como?

– Os machos da espécie não gostam de ver uma fêmea a ser magoada.

Ela é um incentivo.

Os olhos do Sr. X espantaram-se.

– Porque não me falou dela?

– Este centro é meu. Deu-mo para que me encarregasse dele segundo a minha vontade. – E se encontrasse um estupor que se queixasse, arrancar-lhe-ia a pele às tiras. – Tomo conta das coisas aqui, sabe disso. A maneira como o faço não deveria interessar a ninguém.

– Eu devia ter sido informado. – Abruptamente, o Sr. X deteve-se. – Está a pensar fazer alguma coisa com a faca que tem na mão, filho?

*Sim, pai, por acaso até estou.*

– Sou eu que mando aqui, ou não?

Quando o Sr. X posicionou o seu peso na parte da frente dos pés, o Sr. O preparou-se para uma colisão.

Só que o seu telemóvel tocou. O primeiro toque foi estridente no ar frio, como um grito. O segundo pareceu menos que uma intrusão. O terceiro já não foi nada de especial.

À medida que os ânimos se acalmavam, o Sr. O percebeu que não estava a pensar claramente. Era corpulento e um óptimo lutador, mas não estava à altura dos truques do Sr. X. E, se se magoasse ou fosse morto, quem tomava conta da sua mulher?

– Atenda – ordenou o Sr. X. – E active o alta-voz.

As notícias vinham de outro Primordial. Três minguantes tinham sido eliminados à beira da estrada, a apenas três quilômetros dali. O carro deles fora encontrado desfeito à volta de um tronco de árvore e os locais queimados das suas desintegrações ficaram marcados na neve.

*Filha da mãe.* A Irmandade da Adaga Negra. *Outra vez.*

Assim que o Sr. O terminou a chamada, o Sr. X falou.

– Ouça, quer lutar comigo ou voltar ao trabalho? Numa morrerá, isso é certo. A escolha é sua.

– Sou eu que mando aqui?

– Se me der o que preciso.

– Tenho trazido muitos civis para cá.

– Sim, mas não têm muito a dizer.

O Sr. O dobrou-se e fez deslizar a rede que cobria o cimo do terceiro buraco, sem desviar os olhos do Sr. X. Depois, colocou a bota de combate na tampa e olhou o minguante-mor nos olhos.

– Não posso evitar que a Irmandade seja secreta para os da sua própria espécie.

– Talvez precise de se concentrar mais um bocadinho.

*Não o mandes foder,* pensou o Sr. O. *Se falhares este teste de vontades, a tua fêmea é comida para cão.*

Enquanto o Sr. O tentava controlar o temperamento, o Sr. X sorriu.

– A sua restrição seria mais admirável caso não fosse a única resposta apropriada. Agora, em relação a esta noite. Os irmãos vão procurar os vasos dos matadores que eliminaram. Vá à casa do senhor H o mais rapidamente possível e traga o dele. Mandarei alguém a casa do senhor A e eu próprio irei à do senhor D.

O Sr. X parou à porta.

– Quanto à fêmea, se a usar como ferramenta, tudo bem. Mas se a mantiver aqui por outra razão, temos um problema. Se vacilar, faço com que o Ómega o coma, pedaço a pedaço.

O Sr. O nem estremeceu. Já passara pelas torturas do Ómega uma vez e pensou ser capaz de ultrapassá-las de novo. Pela mulher faria qualquer coisa.

– Então, o que diz? – perguntou o minguante-mor.

– Sim, *sensei.*

Enquanto esperava que o carro do Sr. X se afastasse, o coração do Sr. O batia descompassadamente. Queria tirar a mulher cá para fora e senti-la encostada a si, contudo, se assim fosse, nunca mais partiria. Para tentar acalmar-se, limpou rapidamente a *S&W* e carregou-a. Não ajudou muito, mas pelo menos as mãos pararam de tremer no fim da tarefa.

A caminho da porta pegou nas chaves da carrinha e ligou o detector de movimentos do terceiro buraco. Aquela tecnologia de apoio era realmente uma grande ajuda. Caso o *laser* de infravermelhos fosse trespassado, um sistema de pistolas triangular disparava e o curioso ficaria cheio de buracos.

O Sr. O hesitou antes de sair. Céus, queria abraçá-la! Ficava maluco só de pensar que poderia perder aquela mulher, ainda que hipoteticamente. A fêmea vampira... era agora a sua razão de viver. Não a Sociedade. Não as matanças.

– Vou sair, mulher. Porta-te bem. – Esperou. – Não demoro. Depois lavo-te, está bem? – Como não obteve resposta, chamou. – Mulher?

O Sr. O engoliu em seco compulsivamente. Apesar de dizer a si próprio que devia comportar-se como um homem, não conseguia sair sem ouvir a voz dela.

– Não me deixes sair sem dizeres adeus.

Silêncio.

O seu coração foi invadido pela dor, fazendo com que o amor que sentia por ela crescesse. Respirou fundo, com o delicioso peso do desespero a acumular-se no peito. Pensara conhecer o amor antes de se tornar minguate. Julgara que Jennifer, a mulher com quem tivera relações sexuais e por quem lutara durante anos, era especial. Contudo, fora um estúpido ingénuo. Agora, sabia o que era realmente a paixão. A fêmea capturada era a dor ardente que o fazia sentir homem outra vez. Era a alma que substituíra a que ele dera ao Ómega. Através dela, vivia, apesar de estar morto.

– Voltarei assim que puder, mulher.

Bella soçobrou dentro do buraco ao ouvir a porta fechar-se. O facto de o minguate ficar psicologicamente abatido por ela não lhe ter respondido agradava-lhe. A loucura estava agora completa, certo?

Era engraçado aquela insanidade ser a morte que a esperava. Quando despertara dentro do cano, há bastantes semanas, sentira que o seu desaparecimento seria fora do normal, do género corpo partido. Mas não, a sua morte era a do ser. Enquanto o corpo permanecia relativamente saudável, o interior já não vivia.

A psicose levava tempo a dominá-la e, tal como uma doença degenerativa do corpo, tivera etapas. A princípio, Bella ficara demasiado petrificada para pensar no que quer que fosse, com excepção de como seria a tortura. No entanto, depois, os dias passaram e nada aconteceu. Sim, o minguante batera-lhe e os olhos dele no seu corpo eram revoltantes, mas não lhe fez o que fizera aos outros da sua espécie. Nem a violara.

Em resposta, os seus pensamentos mudaram gradualmente e o espírito renasceu à medida que a esperança de ser encontrada aumentava. O período de fénix fora longo. Talvez uma semana inteira, embora fosse difícil medir a passagem dos dias.

Em seguida, dera-se a queda irreversível e ela constatou que era o próprio minguante a afundá-la. Demorou algum tempo a perceber que detinha um bizarro poder sobre o sequestrador. Passado algum tempo, começou a tirar proveito dele. No início, usou-o para ver até onde podia ir. Mais tarde, atormentou-o sem razão, só porque o odiava e para magoá-lo.

Por algum motivo, o minguante que a raptara... amava-a. De todo o coração. Por vezes, gritava com ela e aterrorizava-a quando estava de mau humor, contudo, quanto mais dura era com ele, melhor a tratava. Quando se recusava a olhá-lo nos olhos, ele ficava muito ansioso. Quando recusava os seus presentes, ele chorava. Com um fervor crescente, o minguante preocupava-se com ela e implorava a sua atenção. Aconchegava-se nela e, se o rejeitasse, ficava desfeito.

Brincar com as suas emoções era o seu único e odiado mundo e a crueldade que a alimentava matava-a. Fora um ser vivo um dia, uma filha, uma irmã... *alguém*... Agora, estava a endurecer, a transformar-se em cimento no meio do seu pesadelo. A ficar embalsamada.

Querida Virgem do Vápido, ela sabia que ele nunca a deixaria partir. E era certo que, se a matasse, imediatamente lhe tomaria o futuro. Tudo o que tinha agora era aquele terrível e infinito presente. Ao lado dele.

Pânico, uma emoção que não sentia há algum tempo aumentou repentinamente no seu peito.

Desesperada para voltar à dormência, Bella concentrou-se na frieza da terra. O minguate obrigava-a a vestir roupa que trouxera das gavetas e armários da casa dela, *collants*, roupa de lã, meias quentes e botas proporcionavam um bom isolamento. Só que, mesmo com tudo aquilo, o frio era implacável, penetrando nas fibras da roupa e alcançando os ossos, transformando a sua medula numa espécie de gelo parcialmente derretido.

Os pensamentos desviaram-se para a sua casa, onde vivera por tão pouco tempo. Lembrou-se do lume que ela própria acendera na lareira da sala e da felicidade de estar só... Eram más imagens, más memórias. Lembravam-lhe a sua antiga vida, a mãe... o irmão.

Meu Deus, Rehvenge. Rehv enlouquecera-a com o seu comportamento dominador, todavia, tivera razão. Se ela tivesse permanecido com a família, nunca teria conhecido Mary, a humana que tivera por vizinha. E, naquela noite, nunca teria atravessado o prado que lhes separava as casas para se certificar de que estava tudo bem. E nunca teria encontrado aquele minguate... por isso, nunca teria morrido, nem sobrevivido.

Perguntava-se há quanto tempo o irmão a procurava. Será que já tinha desistido? Provavelmente. Nem mesmo Rehv conseguia aguentar tanto tempo sem perder a esperança.

Bella apostava que a tinha procurado, contudo, sentiu-se contente por ele não a ter encontrado. Apesar de ser um macho extremamente agressivo, era um civil e havia grandes possibilidades de ficar ferido ao tentar salvá-la. Os minguates eram fortes, cruéis e poderosos. Não, para a resgatar era necessário alguém parecido com o monstro que a detinha.

Uma imagem de Zsadist veio-lhe à memória, clara como uma fotografia. Viu os olhos selvagens. A cicatriz que lhe percorria a cara e que distorcia o lábio superior. As tatuagens de escravo de sangue à volta do pescoço e dos pulsos. Lembrou-se das marcas de chicote nas costas. Dos *piercings* pendurados nos mamilos. E do corpo musculado e demasiado esguio.

Pensou na vontade agressiva e intransigente e no ódio inflamado. Era aterrador, um horror da espécie. Destroçado, não quebrado, nas palavras do gémeo. Contudo, eram essas características que faziam dele um

grande salvador. Apenas ele representava o equivalente perfeito do minguante que a capturara. A brutalidade de Zsadist era provavelmente a única coisa que podia libertá-la, apesar de ela ter perfeita consciência de que ele não viria em seu auxílio. Não passava de uma civil que ele vira duas vezes.

E, na segunda vez, fizera-a prometer que nunca mais se aproximaria dele.

O medo assolou-a pelo que tentou domar a emoção dizendo a si própria que Rehvenge continuava à sua procura. Que avisaria a Irmandade caso encontrasse alguma pista. Aí, talvez Zsadist viesse atrás de si, por ser preciso, por se tratar de trabalho.

– Olá? Olá? Está aí alguém?

A trémula voz masculina tinha um tom abafado, pouco seguro. «É o novo sequestrado», pensou ela. Tentavam sempre procurar alguma forma de contacto no início.

Bella aclarou a voz.

– Estou... aqui.

Fez-se silêncio.

– Oh, meu Deus... és a fêmea que foi sequestrada? A... Bella?

Ouvir o seu nome era um choque. Bolas, o minguante chamava-lhe mulher há tanto tempo que quase se esquecera de que tinha outro nome.

– Sim... sim, sou eu.

– Ainda estás viva.

Bem, o seu coração ainda batia, a um ritmo qualquer.

– Eu conheço-te?

– F-Fui ao teu funeral. Com os meus pais, Ralstam e Jilling.

Bella começou a tremer. A mãe e o irmão... tinham-lhe dado a paz eterna. Pensando melhor, é claro que tinham dado. A mãe era profundamente religiosa, uma grande crente nas Antigas Tradições. Assim que estivesse convencida de que a filha estava morta, insistiria para que se fizesse a cerimónia apropriada de modo a permitir que Bella entrasse no Vápido.

*Oh... Deus.* Pensar que tinham desistido de a procurar era muito diferente de saber que realmente o tinham feito. Ninguém viria por ela. Nunca.

Ouviu algo estranho. Percebeu que estava a soluçar.

– Vou fugir – disse o macho, decidido. – E vou levar-te comigo.

Bella deixou os joelhos vacilarem, deslizando pela parede do cano, cheia de nervuras, até se deixar cair no chão. Naquele momento, estava realmente morta, certo? Morta e enterrada.

Era assustadoramente apropriado encontrar-se presa debaixo da terra.